

Uma Nova Tradução Brasileira das Obras de Freud

Luiz Alberto Hanns

Abstract:

Neste artigo se apresenta o projeto de uma nova tradução brasileira das obras completas de Freud, já em andamento. Discute-se a necessidade de se realizar uma tradução crítica que contemple as diferentes “encomendas” de tradução dos diversos gêneros de leitura aplicadas sobre o texto freudiano, seja pelas múltiplas escolas de psicanálise, seja pelas várias aplicações da psicanálise, notadamente nas ciências humanas. A partir de exemplos se ilustra alguns dos problemas recorrentes nas traduções de Freud também para outros idiomas e discute-se os principais impasses que se apresentam à tradução e quais as soluções que a equipe tem encaminhado a estes problemas.

Palavras-chave: Freud; tradução e terminologia.

Introdução

Após duas décadas durante as quais predominou em diversos meios o Freudbashing, as teorias freudianas têm sido objeto de renovado interesse, no campo extra-psicanalítico, neurocientistas têm retomado suas teorias, bem como em diversas áreas das ciências humanas conceitos freudianos, passada a contra-reação à “invasão psicanalítica”, acabaram sendo incorporados. Igualmente no campo da saúde mental, vários países europeus e estados americanos passaram a autorizar a psicanálise no serviços públicos de saúde. No âmbito da psicanálise atual, apesar das muitas inovações ocorridas, obra de Freud também é cada vez mais valorizada como texto-base.

Talvez esta atualidade do pensamento de Freud explique o interesse despertado pelas novas traduções e edições que surgem agora quando na maioria dos países se extinguem os direitos autorais e a obra cai em domínio público.

Na França, prossegue a tradução coordenada por Jean Laplanche. Na Inglaterra a nova tradução dirigida por Adam Phillips começa a ser publicada. Mas também novas edições estão sendo preparadas, na Alemanha, Ilse Gubrich-Simitis prepara o projeto da *Edição Histórico-Crítica*, da obra completa em alemão,

incorporando importantes variantes textuais de manuscritos por ela coligidos e na Inglaterra, Mark Solms planeja a *Revised Standard Edition*, reatualizando a Standard Edition of the Complete Psychological Works of S. Freud. No Brasil, iniciou-se em 2002 uma nova tradução da Imago editora, que está sendo coordenada por mim, cujos primeiros volumes sairão em 2004, introduzindo inovações editoriais e um amplo corpo de notas visando o restauro de redes semântico-conceituais que se perdem nas traduções.

Traduções envelhecem

Desde sempre as traduções da obra de Freud foram questionadas, culminando nos anos 70 com críticas contundentes à tradução inglesa de Strachey, a Standard Edition, obra de referência até então. Contudo, especialmente após 1980, quando se empreenderam muitos estudos sobre a história das traduções e os aspectos pessoais e ideológicas que afetaram os tradutores, formou-se um excepcional aparato crítico que acabou por colocar todas traduções sob suspeita.

O espantoso é que o texto freudiano não é particularmente resistente à tradução. Seu estilo, em geral, é claro, como o era a prosa científica de época, além disso é pequena a distância temporal e cultural que nos separa de sua feitura. Por que então há tantos debates sobre a tradução de Freud e por que todas as traduções internacionalmente disponíveis são tão criticadas ?

Talvez a resposta resida no fato de que o texto de Freud é estudado e discutido sob tantos e diferentes recortes. A começar pelas diversas escolas de psicanálise, cada uma propondo uma terminologia diferente e demandando notas de rodapé diferenciadas. Também os filósofos estudam Freud e neste âmbito há necessidades de atenção a aspectos que são bastante diversos daqueles privilegiados pelos psicanalistas; Freud também é empregado em várias das ciências humanas (na análise literária, de cinema, na psicologia social, antropolgia, entre outros), além de ser um autor incorporado hoje à cultura geral e lido por leigos e finalmente, como já mencionado, o texto freudiano também é lido pelos neurocientistas.

Ou seja, a dificuldade não reside tanto no texto, mas na nossa dificuldade de negociar que perdas de tradução estamos dispostos a aceitar. Cada grupo propõe perdas diferentes, a ponto de que talvez cada um quase que encomendaria a tradução de seu próprio Freud. De fato em pequena escala e oficiosamente isto ocorre, principalmente dentro das diferentes escolas de psicanálise, contudo, não

seria fácil fazê-lo no âmbito de uma tradução das obras completas, um projeto demasiado complexo e caro.

Portanto, os novos crivos críticos, a diversidade das solicitações de leitura, e os avanços da psicanálise exigem que de tempo em tempo haja uma refeitura das traduções. Isto naturalmente também ocorre com a Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S Freud, cujos problemas maiores são o fato de ter sido traduzida a partir do inglês e de ter optado por seguir a risca certos excessos da terminologia inglesa (a qual desde meados da década de 70 tem sido criticada e em parte abandonada por muitos psicanalistas e tradutores), bem como, contém muitos trechos onde os tradutores foram imprecisos.

O projeto de uma tradução crítica

As múltiplas demandas de leitura que hoje sobrecarregam o tradutor de Freud, deveriam, na medida do possível ser todas consideradas, já que se trata de um texto a serviço de uma ampla comunidade, é uma obra fundamental da cultura contemporânea e o texto-base para a transmissão da psicanálise. Assim, embora a opção tenha sido de instalar o trabalho no ambiente universitário, comprometido com a pesquisa sempre aberta à crítica e à verificação acadêmica rigorosa, afastando-se das fidelidades a determinadas bandeiras ideológicas das escolas, é preciso dar voz as leituras das escolas, pois além de serem fontes preciosas de estudo e avanços, ultrapassando em muito a produção universitária neste campo, são as escolas de psicanálise os principais usuários do texto de Freud. Por isto, também decidiu-se, num trabalho diverso de tudo o que se fez no mundo até agora, não só manter uma constante interlocução com usuários de instituições psicanalíticas de orientações diversas (lacanianos, kleinianos, etc), como convocar a comunidade psicanalítica a sentar à mesa e discutir (e até certo ponto "negociar") sobre as necessidades de leitura de cada escola e sobre uma eventual grande reforma na babel terminológica psicanalítica. Neste sentido foi realizado, entre outras atividades, um congresso internacional de germanística na Faculdade de Letras da USP, onde diversas seções interdisciplinares discutiram sobre a tradução de Freud, e em especial este último tema (a reforma da terminologia) foi objeto de uma mesa-redonda aberta ao público. Também é esta a intenção de se participar do encontro dos Estados Gerais da Psicanálise em 2003 no Rio de Janeiro: abrir a discussão sobre as possíveis diretrizes de uma nova tradução de Freud.

Além disso temos um corpo de consultores de diversas orientações psicanalíticas que elaborarão para nossa edição comentários pontuais sobre o destino que conceitos encontrados nos textos de Freud, tiveram na psicanálise pós-freudiana. Este é um aspecto que espera-se enriqueça de sobremaneira a leitura e estudo dos textos. Assim, apesar de ser necessário adotar uma concepção homogênea de trabalho, não se pretende apresentar uma versão unilateral do texto freudiano, o leitor será informado sobre outras alternativas, bem como a respeito das soluções que a equipe encontrou especialmente em relação a quatro impasses fundamentais:

Impasse 1:

Apresentar um Freud o mais literal possível, preservando a estrutura da frase alemã, e formulações que embora compreensíveis, são próprias do alemão, mesmo a custo de gerar um texto às vezes estranho ou recriar o elegante estilo da prosa freudiana, preservando o sentido das idéias, mesmo que alterando a construção das frases e substituindo certas expressões e locuções idiomáticas guiando-se pela fidelidade à fluência e legibilidade ?

Impasse 2:

Traduzir os termos psicanalíticos segundo seu percurso na obra, associando, cada termo alemão a um determinado termo em português, de modo que se identifique as recorrências de palavras que interligam vários textos; ou considerar que as redes semânticas dos idiomas não se recobrem e deixar que um mesmo termo alemão corresponda a diferentes palavras do português, ditado pelo contexto local da frase, preservando a liberdade com a qual Freud em certos momentos empregava os termos.

Impasse 3:

Optar por uma das “linhas” de psicanálise que tradicionalmente se opõem na babel da terminologia psicanalítica (a tradução dos termos depende da escola que se siga); ou, apesar das rivalidades, introduzir inovações semântico-conceituais.

Impasse 4:

Traduzir os termos psicanalíticos como “jargão” (e aí seguir a tendência inglesa que os dota de uma cientificidade de cunho médico-biologizante empregando palavras e neologismos greco-latinos, ou as tendências psicanalíticas francesas que dialogam com a filosofia empregando termos que corresponderiam aos conceitos psicológicos derivados das matrizes filosóficas sobre as quais Freud

teria se apoiado); ou pelo contrário, utilizar a linguagem e o tom coloquial adotados no texto original e “desconceitualizando” grande parte dos assim denominados termos psicanalíticos.

Estas são apenas algumas das questões que atravessam a tarefa de tradução e para lidar com elas, optou-se por não engessar o trabalho de tradução em um único modelo, o que seria demasiado rígido para a riqueza de leituras que se pretende proporcionar.

É preciso optar em cada momento o que priorizar, a elegância, o rigor conceitual ou a clareza e fluência, bem como ter bom senso e coragem ao se lidar com os problemas terminológicos. Introduzimos para isto algumas inovações em técnica de tradução que pensamos testar futuramente na tradução de autores de outras áreas das ciências humanas (sociologia, filosofia, etc.).

Inovações na técnica de tradução

Classificamos os trechos da obra em três grandes categorias, a primeira, que dá colorido e ritmo ao texto, denominamos de “trechos de ligação”, são de cunho meramente narrativo ou retórico, são trechos que sustentam e interligam as idéias, quase como conjunções e locuções. A segunda e terceira categorias são diretamente ligadas à teorização, designamo-nas de “tramas enfáticas” e “tramas de articulação”. Por meio da “trama enfática”, o autor está ressaltando uma idéia-força, empregando várias palavras numa cascata, onde elas não se diferenciam entre si, ao contrário se reforçam mutuamente, e em geral Freud (e muitos dos autores em ciências humanas), emprega tais “tramas enfáticas” quando está contrapondo duas ou mais tendências, ou blocos psíquicos. Por exemplo, se disséssemos em português “a força e intensidade das nossas ações quando dirigidas pelos afetos, emoções, sentimentos, se opõem à frieza e ao equilíbrio da razão, do raciocínio, do pensamento”, o leitor brasileiro provavelmente entenderia de imediato que estamos num uso “frouxo” dos conceitos, ou sei-conceitos, sem diferenciar “força” de “intensidade” e “afeto” de “sentimento” e de “emoção”, mas apenas somando as palavras em uma vertente a ser contraposta a outra” [neste caso afeto X razão].

Contudo, é complexo traduzir tais tramas enfáticas, pois as palavras, que em nosso idioma transitam na mesma rede semântica (afeto, emoção e sentimento) e que, quando estão em certas frases, podem até ser empregadas como equivalentes, ao serem transpostas para outro idioma, eventualmente podem não ocupar mais a mesma rede e não serem mais reconhecidas como aparentadas e

como participantes de um mesmo fluxo. Apenas a título de ilustração, mencionemos aqui que em alemão "agir dirigido pelo afeto", "im Affekt handeln" não se recobre com "afeto" e "afetividade" do português e desloca-se para um significado próximo de "perder o controle e descompensar-se", de modo que a tradução deveria levar isto em conta. Ou ainda, para dar um outro exemplo partindo agora do alemão: estímulo (Reiz), pressão (Drang), compulsão (Zwang) e pulsão/instinto (Trieb), ocupam a mesma rede e são utilizados por Freud alternadamente para expressar a idéia de "algo que impele", contrapondo-se ao bloco onde ocorrem fenômenos de resistência, defesa e recalque (termos que por sua vez têm em alemão conotações em comum de "manter algo afastado") Em dicionários de época "estímulo" , "pressão" e "pulsão" constam como equivalentes eventuais. Em português este parentesco é pálido e não nos ocorreria pensar em "estímulo" como algo análogo a "pressão", e menos ainda como ligado a "instinto", embora na origem indoeuropéia o fossem. Somente se alguém nos apontasse para o fato de que estes termos têm em comum um aspecto "impelente", talvez o percebessemos. Assim, ao desmanchar as tramas ou redes que existem no idioma de origem e ao acomodar as palavras agora em outra língua, ocupando nichos desconectados entre si, perdem-se importantes sentidos e cria-se frases de difícil entendimento, bem como gera-se a semente de enormes mal-entendidos, muitas vezes só percebidos anos depois (ou seja, nem sempre o tradutor teria como adivinhar o gênero de mal-entendidos que serão gerados).

Nas traduções em outros idiomas e no português também, temos observado problemas sérios deste tipo, com inúmeros termos que foram traduzidos inadequadamente, pois não se levou em conta as redes de sentido. Por exemplo, frustração (Versagung) e descarga (Abfuhr) em alemão correspondem a termos bastante diversos das redes que ocupam em português, francês, inglês, espanhol e italiano. Em alemão, Versagung não tem o sentido de "decepção" mas de "impedimento" e isto altera totalmente a compreensão que o leitor destes idiomas latinos ou latinizados terá da clínica freudiana quando esta discute como lidar com os impedimentos da vida e não com as frustrações (Freud justamente aponta para a impossibilidade de nos mantermos frustrados, e ressalta em sua clínica a busca pela plasticidade pulsional). Também a palavra "descarga", não se refere a um disparo ou rajada que produziria um esvaziamento abrupto, mas ao contrário, refere-se a um escoamento processual que geralmente envolve os processos

mentais mais complexos, portanto, exatamente o inverso do que se compreende como "descarga" em português, francês, inglês, espanhol e italiano.

Finalmente as "tramas de articulação" se referem aos momentos quando o autor, por vezes, uma linha ou parágrafo abaixo do trecho onde ativara uma trama enfática, e ainda dentro de uma mesma página, passa a articular entre si os termos antes utilizados como equivalentes, visando descrever mecanismos. Neste momento o autor diferenciará os termos rigorosamente entre si e os empregará como conceitos específicos, ou como termos técnicos, e às vezes se serve da etimologia das palavras de seu idioma para iluminar melhor o conteúdo do conceito (daí as palavras coloquiais ou naturais que Freud emprega). Assim, subitamente num mesmo texto de Freud os termos "estímulo", "instinto/pulsão" e "pressão" passam a ser palavras demarcadas e diversas entre si, cada uma se configurando como um conceito. Ora, só conhecendo bem a obra e o idioma alemão se poderá traduzir este movimento, sem o qual se produz um Freud artificial, hermético, e se gera a necessidade de uma hermenêutica e interpretação exageradas. Neste aspecto esta nova tradução brasileira se diferencia das predecessoras em outros idiomas, bem como das predecessoras em português. Criamos 5 algoritmos decisórios para cada caso destes e todo um glossário interno. Um pouco desta metodologia já pode ser encontrada no capítulo metodológico do "Dicionário comentado do alemão de Freud" (1996) e no capítulo sobre "tramas", no apêndice do livro "A teoria pulsional na clínica de Freud"(1999). Também será feito um esforço de restaurar através de notas e comentários as tramas semântico-conceituais que se perdem na passagem de um idioma a outro, o que torna a leitura ainda mais gostosa e introduz informações preciosas ao leitor. Durante um ano a equipe debateu e estudou trabalhos internacionais e brasileiros, manteve contato com psicanalistas de várias correntes, filósofos, psiquiatras, tradutores e alunos, buscando colher as expectativas e as demandas por notas e esclarecimentos editoriais próprias de cada tipo de leitura. Em seguida foram feitas traduções experimentais submetidas a discussões internas e a consultores externos. A discussão destas opções de tradução se encontra no *Glossário Comentado*, a ser publicado em 2004, porém pode-se adiantar que apesar da diversidade de algoritmos de tradução adotados, a ênfase foi em:

- 1) Restaurar a prosa freudiana deixando Freud tão fácil (ou, o que é raro, tão difícil) quanto o é em alemão, evitando acrescentar artificialmente complexidades.

- 2) Restituir os significados e conotações do alemão, por exemplo, unverträglich não será traduzido por “incompatível”, como ocorre em geral nas outras traduções, mas por “intolerável”, recompondo a idéia de algo “indigesto” e “inaceitável”, diferente da ênfase na incongruência lógica contida no termo “incompatível”. Todavia, quando não for possível encontrar termos equivalentes, comentários e notas aclimatarão o leitor no contexto semântico e cultural do termo original.
- 3) Adotar a terminologia coloquial e por vezes pouco rigorosa do original, não fixando um termo sempre ao mesmo equivalente português. Contudo, o leitor será advertido em notas de rodapé de que se trata da mesma palavra alemã e se indicará os textos em que o termo é recorrente, apontando as tramas semântico-conceituais que perpassam a obra e que foram abordados por estudiosos.
- 4) Inovar em alguns casos a terminologia psicanalítica.
- 5) Manter o corpo editorial da edição completa inglesa e acrescentar notas e comentários editoriais de um amplo grupo de colaboradores brasileiros.

2. Cronograma

De 2002 a 2009: Os primeiros dois anos envolvem estudos e preparação do primeiro volume. A partir de 2004, serão publicados 40% da obra, contendo os mais utilizados textos de Freud. Inspirando-se no modelo alemão da *Studienausgabe*, os textos serão agrupados por temas (a *Teoria Metapsicológica*, os *Escritos sobre Cultura*, etc.) ou características em comum (as *Conferências Introdutórias*), num total de 11 conjuntos temáticos, incluindo *A Interpretação dos Sonhos*. Cada conjunto temático apresenta os artigos em seqüência cronológica e se compõe de três volumes. Esta abordagem temático-cronológica permite, já na primeira fase, o acesso aos textos mais consultados, deixando para a seguinte, as inúmeras cartas e textos, por ora, disponíveis na *Edição Standard Brasileira*.

De 2009 à 2015: Prosseguirá a tradução, contudo, o modelo temático-cronológico se restringirá à primeira fase, daí em diante os volumes serão editadas no formato cronológico como *Obras Completas*

A guisa de conclusão

O pensamento de Freud é atualíssimo e transita entre as diversas epistemologias ou sistemas. Nele corpo e psique dialogam e sua concepção é sobretudo sistêmica. Talvez seja esta uma das razões porque semioticistas, lingüístas e neurocientistas, têm valorizado seu modelo de psique, pensamento e linguagem. Mas gostaria de finalizar enfatizando que retraduzir Freud visa mantê-lo

vivo e em diálogo com a cultura e a ciência contemporânea, ao invés de propor um culto idealizado à sua pessoa e engessar sua obra numa linguagem hermética e artificial. É preciso reencontrá-lo vigoroso com suas tensões e incongruências e aproveitar mais de sua criatividade e ousadia do que forçar sobre seu texto uma coerentização artificial que mataria seu rico pensamento teórico-clínico. Sua prosa científica reúne de modo singular e excepcional ambas as capacidades, a de escritor e de pesquisador. Freud criou uma vasta obra que revolucionou o pensamento humano (comparável a Darwin e Einstein), e nela encontramos textos que abordam assuntos de grande complexidade, mas geralmente ele se preocupava em ser intelegível e se mantinha ligado aos aspectos de divulgação e recepção de seu pensamento. Neste sentido traduzí-lo também significa ser fiel à missão de ampla divulgação que ele mesmo atribuiu a seus textos.

BIBLIOGRAFIA:

Brockhaus, F.U.- Sprachbrockhaus, F.U. Brockhaus, Leipzig, 1935.

Bass, Alan. - On the History of a Mistranslation and the Psychoanalytic Movement.

In: Difference in Translation. Cornell University Press, New York, 1985.

Bettelheim, Bruno. - Freud e a alma humana. (1982) [Ed. brasil. São Paulo, Cultrix, 1987]

Bourgignon, Andre; Cotet, Pierre; Laplanche, Jean. - Translating Freud. In: Translating Freud. New York, Yale University Press, 1992

Bourguignon, André; Cotet, Pierre; Laplanche, Jean; Robert, François. - Traduir Freud. Paris; PUF; 1989.[Ed. brasil.

Brun, Danièle. - Traduir Freud en débat. Rev. Franç. Psychoanalyse, 54 (1):269-83, 1990.

Carone, Marilena. - Freud em português: uma tradução selvagem. s.l.; s.n; s.d. 7 p. datilografadas. Disponível na biblioteca da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Carone, Marilene; Souza, Paulo César. - A edição brasileira de Freud: Nosso Freud (P.C.S.) e Freud em português (Marilene Carone). In: Souza, Paulo César, org. Sigmund Freud e o gabinete do dr. Lacan. São Paulo: Brasiliense, 1989.

Cheshire, Neil; Thomä, Hemut. - Methaphor, neologism and "open texture": implications for translating Freud's scientific thought. Int. Rev. Psycho-Anal. 18, 429-455, 1991.

Derrida, Jacques. - Des Tours de Babel. In: Difference in Translation. Cornell University Press, New York, 1985.

Drosdowski, Günther; Müller, Wolfgang; Wermke, Matthias. - Duden, 10 vol., Dudenverlag, Mannheim, Wien, Zürich, 1986

Etcheverry, José Luis. - Sigmund Freud Obras Completas - Sobre la versión castellana. Buenos Aires, Amorrurtu Editores, 1978.

Épinay, Michèle Lalive d'. - O id groddeckiano e o id freudiano (pg 106-8); O ego (pg 108-10) In: Groddeck: a doença como linguagem (1983) [Ed. brasil. Campinas: Papirus, 1988.]

Gilman, Sander L., Reading Freud in English: Problems, paradoxes and a solution. Int. Rev. Psycho-Anal. 18, 331-344, 1991.

Grimm, Jacob und Wilhelm. - Deutsches Wörterbuch, 16 vol., Leipzig, 1854-1960.

Holder, Alex. - A Historical-Critical Edition. In: Translating Freud. New York, Yale University Press, 1992

Junker, Helmut. - Standard Translation and Complete Analysis In: Translating Freud. New York, Yale University Press, 1992

Kohn, Max. - Freud e o lúdico: o pré-analítico. (1982) [Ed. brasil. Rio de Janeiro: Imago, 1994]

Lacan, Jacques. - Escritos. (1966). [Ed. mexicana. México: Siglo Veintiuno, 1990]

Laplanche, J. - A Angst na Neurose (pg 46-63) In: A Angústia (1980) [Ed. brasil. São Paulo: Martins Fontes, 1993]

Laplanche, J.; Pontalis, J. - Vocabulário da Psicanálise . (1967) [Ed. brasil. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Laplanche, J. - Specificity of terminological problems in the translation of Freud. Int. Rev. Psycho-Anal. 18, 401-406, 1991.

Leupold-Löwenthal, Harald. The impossibility of making Freud English. Int. Rev. Psycho-Anal. 18, 345-350, 1991.

Likierman, Meira. - Translation in transition: some issues surrounding the Strachey translation of Freud's works. Int. Rev. Psychoanalysis, 17 (1): 115-20, 1990.

Mahony, Patrick. - Freud como escritor. (1982) [Ed. brasil. Rio de Janeiro: Imago,1992.]

Mahony, Patrick - A Psychoanalytic Translation of Freud. In: Translating Freud. New York, Yale University Press, 1992

Mahony, Patrick - Gritos do homem dos lobos.(1984) capítulos 5 e 6. Ed. brasil. Rio de Janeiro: Imago, 1992.]

Menahem, Ruth. - Parlez-vous freudien ?. Rev. franç Psychoanal., 52 (5): 1193-5, 1988. Chronique de la traduction des Oeures complètes de Freud.

Menahem, Ruth. - Wo Freud war soll ich werden. Rev. franç. Psychoanal., 52 (3): 743-54, 1988. Chronique de la traduction des Oeures complètes de Freud.

Menezes, Luis Carlos - A tradução de Freud: da atualidade de um debate. Rev. Bras. Psicanál., 23 (4): 33-44, 1989

Pfrimmer, Théo. - Freud, leitor da Bíblia. (1982) [Ed. brasil. Rio de Janeiro: Imago,1994]

Pines, Malcom - Once more the question of revising the Standard Edition. Int. Rev. Psycho-Anal. 18, 325-330, 1991.

Pollak-Cornillot, Michèle. - Note sur la traduction de Zwang. Rev. franç. Psychoanal., 53 (4): 1223-35, 1989. Chronique de la traduction des Oeures complètes de Freud.

Orston, Darius Gray, Jr. - Alternatives to a Standard Edition. In: Translating Freud. New York, Yale University Press, 1992

Orston, Darius Gray, Jr. - Improving Strachey's Freud. In: Translating Freud. New York, Yale University Press, 1992

Orston, Darius Gray, Jr. - Bruno Bettelheim's Freud and Man's Soul. In: Translating Freud. New York, Yale University Press, 1992

Souza, Paulo. C. de, - Freud como escritor. In: Freud, Nietzsche e outros alemães. Rio de Janeiro, Imago, 1995.

Stanton, Martin. - Laissez-Faire: James Strachey and Freud's French. Int. Rev. Psycho-Anal. 18, 393-400, 1991.

Steiner, Riccardo. To explain our point of view to english readers in english words. Int. Rev. Psycho-Anal. 18, 351-392, 1991.

Thomä, Hemut; Cheshire, Neil.- Freud's Nachträglichkeit and Strachey's "deferred action": Trauma, constructions and the direction of causality. Int. Rev. Psycho-Anal. 18, 407-427, 1991.

York, Clifford. - A Revised Standard Edition Int. Rev. Psycho-Anal. 18, 457-461, 1991.

Villarreal, Inga, M.D. - Spanish Translations of Freud. In: Translating Freud. New York, Yale University Press, 1992